

19º SINAPE – Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística

Um estudo sobre as mães adolescentes brasileiras

Maria Salet Ferreira Novellino
Professora e Pesquisadora da Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE

Aline Alves das Oliveiras
Aluna da Graduação em Estatística da Escola Nacional de Ciências
Estatísticas/IBGE

1. Introdução

A maternidade na adolescência é, geralmente, associada ao abandono da escola e a uma conseqüente baixa escolaridade, o que viria a comprometer uma posterior participação no mercado de trabalho, conduzindo à uma baixa qualidade de vida dessas adolescentes e de seus filhos. (Moore e Waite 1977, Singh 1998, Chevalier e Viitanen 2003)

A maternidade na adolescência emerge como problema a partir de estudos que indicavam um crescimento nas proporções de adolescentes entre 15 e 19 anos que haviam tido filhos, inclusive no Brasil. (Singh 1998, Souza 1998, Bailey et al. 2001) Daí a importância, explícita nesses estudos, da implementação de programas voltados para a redução da taxa de maternidade na adolescência, tendo como justificativa a exclusão social e a dependência de transferência pública de renda. (Chevalier e Viitanen 2003)

Tal preocupação foi manifestada na XV Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em 1994, em cujo Programa de Ação (Capítulo VII) afirma-se a importância de se reduzir a maternidade na adolescência:

“A maternidade para as muito jovens implica num risco maior de morte materna, os filhos das jovens mães apresentam maiores níveis de morbidade e de mortalidade. A maternidade precoce continua a ser um impedimento para avanços nos status educacional, econômico e social das mulheres em todas as partes do mundo. Para as mulheres jovens, casamento e maternidade precoces podem reduzir severamente oportunidades de estudo e de trabalho e é provável que tenham um impacto longo e adverso na qualidade de vida dessas adolescentes e de seus filhos.”

Mas o que conduziria algumas adolescentes à maternidade precoce? Evidências indicam haver maior probabilidade de tal fato acontecer entre as adolescentes mais pobres e com baixa escolaridade, as quais provavelmente já não estariam freqüentando escola ou se estivessem, provavelmente não estariam num grau escolar adequado. Para elas, as oportunidades de estudo e de trabalho já estariam limitadas por sua origem sócio-econômica e não necessariamente pela existência de filhos. (Moore e Waite 1977, Hofferth e Moore 1979, Chevalier e Viitanen 2003) Ao contrário, para as adolescentes mais pobres, a maternidade pode lhes fortalecer psicologicamente, bem como fazer crescer sua importância nas redes sociais que convivem.

As questões subjacentes a este trabalho são se a maternidade na adolescência por si só conduz à pobreza e a uma provável dependência de programas de transferência de renda, ou se é a condição de pobreza que acaba por estimular a maternidade entre as adolescentes, já que não estariam mais estudando nem teriam chances de se inserir decentemente na força de trabalho. No que tange a políticas públicas, a melhoria da condição de vida das mães-adolescentes e seus filhos não se daria pela diminuição de seu número, mas por políticas de inclusão, em termos de compatibilizar educação formal e cuidado com filhos, de preparação para o mercado de trabalho e da oferta de equipamentos e serviços de cuidados com seus filhos.

Neste estudo, são analisadas as mães-adolescentes brasileiras de 15 a 19 anos de idade relacionando dados sócio-demográficos dessas adolescentes com os rendimentos mensais dos domicílios onde vivem, comparando-os com dados sobre as adolescentes na mesma faixa etária que não haviam tido filhos.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, de cunho descritivo e exploratório, para a qual foram utilizados dados secundários da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001 e de 2008 sobre o comportamento reprodutivo das adolescentes brasileiras de 15 a 19 anos de idade, a condição no domicílio, a renda do domicílio onde vivem, anos de estudo e frequência à escola e a condição de atividade das mesmas.

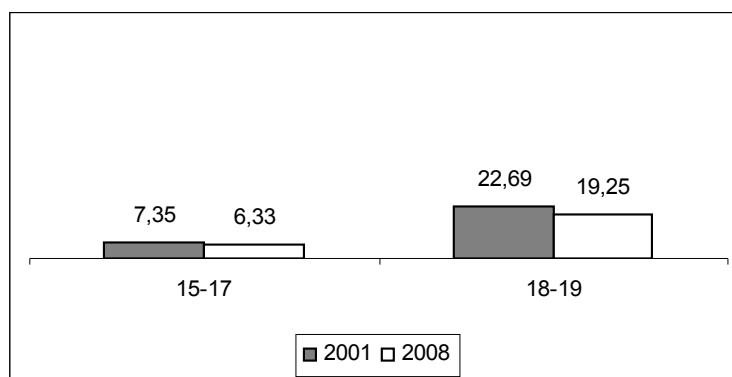
2. As mães-adolescentes brasileiras

São consideradas como mães-adolescentes aquelas que já haviam tido filhos nascidos vivos¹ à época das pesquisas. As mães-adolescentes estão sendo estudadas no que tange ao seu comportamento reprodutivo; condição no domicílio; anos de estudo e frequência à escola; condição de ocupação e renda dos domicílios onde vivem. Todas essas informações sobre as mães-adolescentes estão sendo comparadas com aquelas sobre as adolescentes na mesma faixa etária que não haviam tido filhos nascidos vivos. Separei essas adolescentes em dois grupos etários: 15 a 17 e 18 a 19 anos.

¹ Filho nascido vivo é a criança que, após a expulsão ou extração completa do corpo da mãe, independente do tempo de gravidez, manifestar qualquer sinal de vida, como: respiração, choro, movimentos de músculos de contração voluntária, batimento cardíaco, pulsão do cordão umbilical, etc., ainda que tenha falecido logo a seguir. (PNAD)

Segundo a PNAD 2008, havia no Brasil 4.989.916 adolescentes do sexo feminino entre 15 e 17 anos e 3.267.415 entre 18 e 19 anos. Das primeiras, 315.654 (6,33%) e, das segundas, 629.101 (19,25%) já haviam tido filho(s) nascido(s) vivo(s) na data da pesquisa.

Gráfico 1
Evolução da proporção de mães-adolescentes



Fonte: PNAD

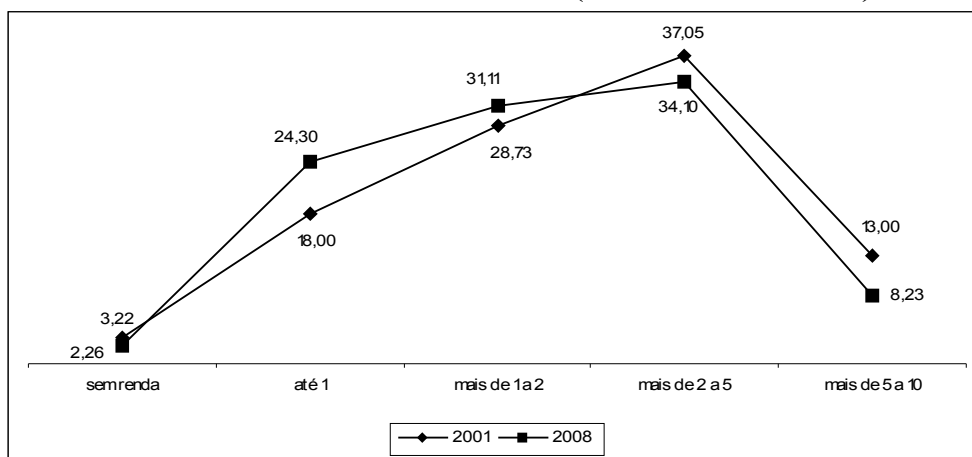
Comparando os dados de 2008 com aqueles de 2001, pode-se observar que diminuiu a proporção de mães-adolescentes entre 15 e 17 anos em pouco mais de um ponto percentual. Já a proporção de mães-adolescentes entre 18 e 19 anos caiu em aproximadamente 3,5 pontos percentuais.

Mas teria essa queda se dado de maneira uniforme em todas as classes de renda? Para verificar isto, os grupos de mães-adolescentes de 15 a 17 e de 18 a 19 anos foram desagregados por classes de renda² e as suas proporções em 2001 e em 2008 comparadas, cujos resultados são apresentados nos gráficos abaixo.

² Nesta pesquisa, as classes de rendimento mensal domiciliar consideradas são: sem renda, até 1 SM, mais de 1 a 2 SM, mais de 2 a 5 SM e mais de 5 a 10 SM. Isto porque as ocorrências de mães-adolescentes nas classes de renda mais altas que aparecem na PNAD: mais de 10 a 20 SM e mais de 20 SM são em número muito pequeno e, por isso, não podem ser tomadas como representativas.

Gráfico 2

Adolescentes de 15 a 17 anos que haviam tido filho(s) nascido(s) vivo(s) por classe de rendimento mensal domiciliar (em salários mínimos)



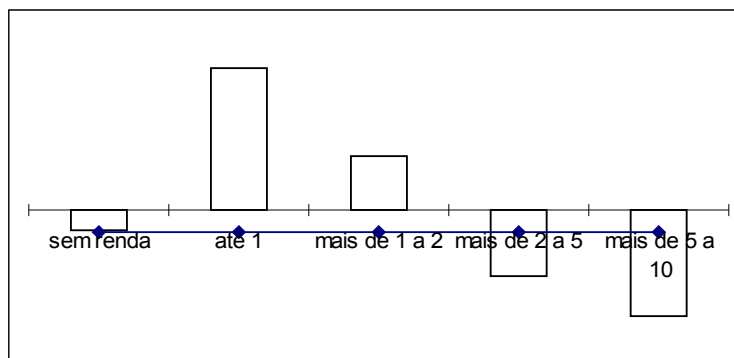
Fonte: PNAD

As proporções de mães-adolescentes de 15 a 17 anos subiram nas classes de renda mais baixas. Na classe de renda até 1 SM aumentou 6,3 pontos percentuais. Na classe mais de 1 a 2 SM aumentou 2,38 pontos percentuais. A partir da classe de renda mais de 2 a 5 SM as proporções de mães-adolescentes de 2001 para 2008 caíram. Nesta classe, caiu aproximadamente 3 pontos percentuais; na classe mais de 5 a 10 SM caiu 4,77 pontos percentuais.

No gráfico abaixo, é apresentada a evolução das proporções de mães-adolescentes de 15 a 17 anos por classe de rendimento mensal domiciliar em salários mínimos por comparação com a média geral.

Gráfico 3

Evolução das proporções de mães-adolescentes de 15-17 anos de 2001 para 2008



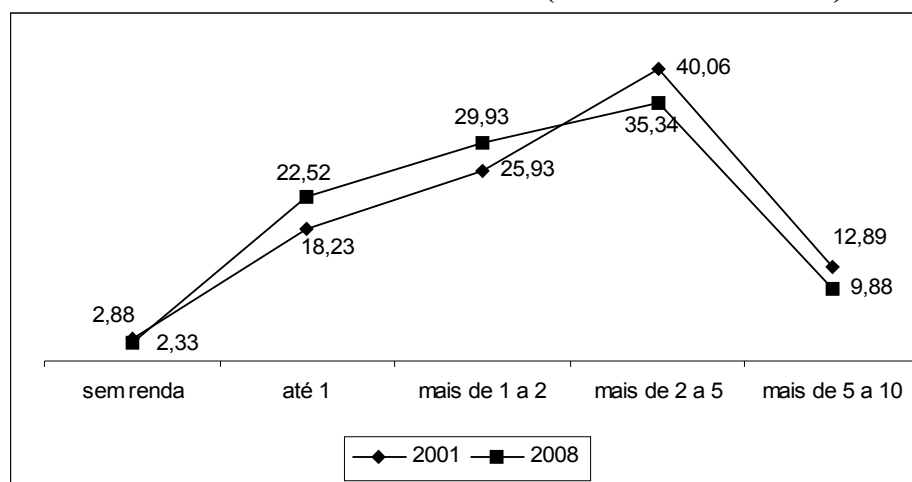
Fonte: PNAD

Na média geral a proporção de mães-adolescentes de 15 a 17 de anos de 2001 para 2008 caiu 1,03 pontos percentuais. No entanto, aumentou em mais de seis pontos percentuais na classe ‘até 1 SM’ e caiu em quase 5 pontos percentuais na classe de renda ‘mais de 5 a 10 SM’.

Quanto à dinâmica da maternidade na adolescência, foram verificadas duas dinâmicas, uma que se refere à maternidade na adolescência entre aquelas que pertencem às classes de renda mais baixas e outra, que se refere àquelas que pertencem às classes de renda mais altas. Enquanto aumenta a proporção de mães-adolescentes que vivem em domicílios com rendas mais baixas, diminui a proporção de mães-adolescentes que vivem nos domicílios de rendas mais altas.

Gráfico 4

Adolescentes de 18 a 19 anos que haviam tido filho(s) nascido(s) vivo(s) por classe de rendimento mensal domiciliar (em salários mínimos)



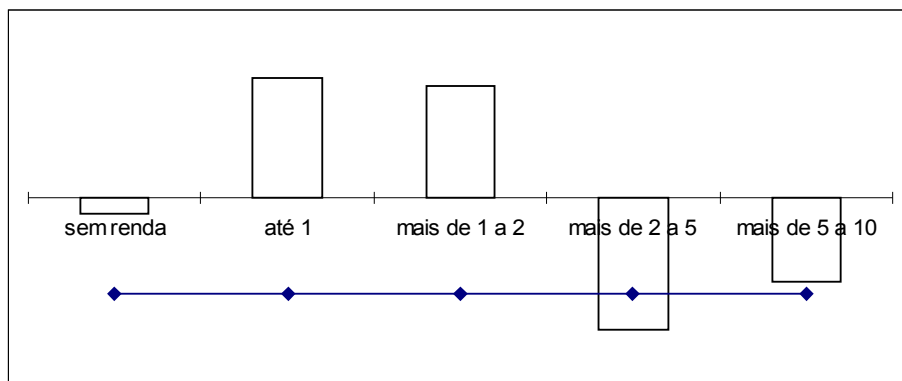
Fonte: PNAD

De 2001 para 2008, as proporções de mães-adolescentes de 18 a 19 anos subiram nas classes até 1 SM (4,29 pontos percentuais) e mais de 1 a 2 SM (4 pontos percentuais). Caíram nas classes de renda mais de 2 a 5 SM (4,72 pontos percentuais) e mais de 5 a 10 SM (3 p.p.).

No gráfico abaixo, é apresentada a evolução das proporções de mães-adolescentes de 18 a 19 anos por classe de rendimento mensal domiciliar em salários mínimos por comparação com a média geral.

Gráfico 5

Evolução das proporções de mães-adolescentes de 18-19 anos de 2001 para 2008



Fonte: PNAD

Na média geral a proporção de mães-adolescentes de 18 a 19 anos de 2001 para 2008 caiu 3,43 pontos percentuais. No entanto, aumentou em torno de 4 pontos percentuais entre as que viviam em domicílios cujas faixas de rendimento eram até 1 SM e mais de 1 a 2 SM; e caiu nas classes de renda superiores a esta última.

Esses dados indicam que a maternidade na adolescência deve ser examinada sob a ótica da renda. Além de a maior parte das mães-adolescentes pertencer às classes de renda mais baixas (mais da metade delas vivem em domicílios cujas rendas não ultrapassam 2 SM), as taxas de maternidade na adolescência vem aumentando justamente entre as adolescentes cujos domicílios têm renda até 2 SM.

Nas tabelas abaixo é apresentada, em números absolutos e em números relativos, a distribuição das adolescentes por ocorrência de filhos nascidos vivos e por classe de rendimento mensal domiciliar em salários mínimos.

Tabela 1

Adolescentes de 15 a 17 anos por ocorrência de filho(s) nascido(s) vivo(s) e por classe de rendimento mensal domiciliar (em salários mínimos)				
classes de renda	ocorrência de filhos nascidos vivos			
	sim		não	
	n	%	n	%
sem renda	6.791	2,26	34.071	0,82
até 1	73.028	24,30	476.928	11,43
mais de 1 a 2	93.474	31,11	987.657	23,68
mais de 2 a 5	102.445	34,10	1.906.422	45,71
mais de 5 a 10	24.729	8,23	765.879	18,36
total	300.467	100,00	4.170.957	100,00

Fonte PNAD 2008

Tabela 2

Adolescentes de 18 a 19 anos por ocorrência de filho(s) nascido(s) vivo(s) e por classe de rendimento mensal domiciliar (em salários mínimos)				
classes de renda	ocorrência de filhos nascidos vivos			
	sim		não	
	n	%	n	%
sem renda	14.147	2,33	17.084	0,75
até 1	136.496	22,52	187.748	8,26
mais de 1 a 2	181.448	29,93	473.198	20,81
mais de 2 a 5	214.239	35,34	1.056.139	46,44
mais de 5 a 10	59.897	9,88	539.926	23,74
total	606.227	100,00	2.274.095	100,00

Fonte PNAD 2008

De acordo com os dados da PNAD 2008, 37,1% dos domicílios brasileiros concentravam-se na classe de renda de mais de 2 a 5 salários mínimos (SM), 21,49% na classe mais de 1 a 2 SM, 15,75% na classe mais de 5 a 10 SM, 12,2% na classe até 1 SM, 6,52% na classe mais de 10 a 20 SM, 2,7% na classe mais de 20SM.³ Mas ao comparar a distribuição por classe de rendimento mensal domiciliar das mães-adolescentes com a distribuição daquelas que não tiveram filhos, foi verificado que na classe de renda com a maior proporção de domicílios (mais de 2 a 5 SM), a proporção de mães-adolescentes de 15 a 17 anos e de 18 a 19 anos são menores do que as proporções de adolescentes que não tiveram filhos.

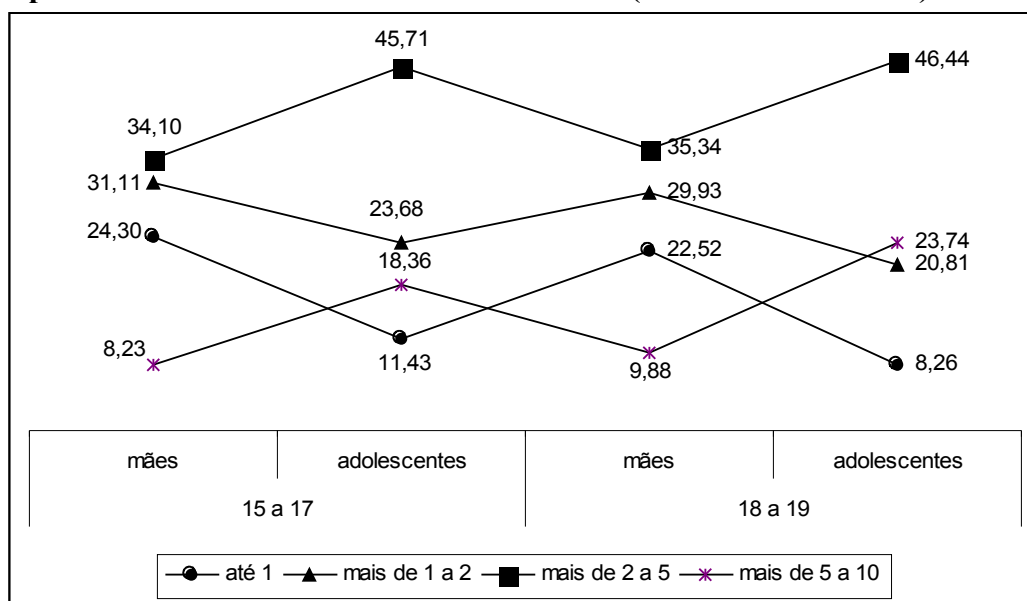
³ 1,28% estão na classe sem rendimento e 2,95% dos domicílios não declararam a renda

Nas classes de renda inferiores a mais de 2 a 5 SM, as proporções de mães-adolescentes tanto de 15 a 17 como de 18 a 19 anos são significativamente maiores do que aquelas das adolescentes que não haviam tido filhos. Na classe de renda mensal domiciliar superior a mais de 2 a 5 SM, as proporções de adolescentes que não tiveram filhos são superiores às das mães-adolescentes. Esses dados evidenciam que a maternidade na adolescência ocorre majoritariamente entre as adolescentes das classes de renda mais baixas.

No gráfico abaixo está representada a associação existente entre classe de renda e maternidade na adolescência.

Gráfico 6

Distribuição das adolescentes brasileiras por ocorrência de filho nascido vivo e por classe de rendimento mensal domiciliar (em salários mínimos)



Fonte: PNAD 2008

Na classe de renda até 1 SM as proporções de mães-adolescentes são significativamente superiores àquelas das adolescentes sem filhos: 24,30% contra 11,43% entre as de 15 a 17 anos e 22,52% contra 8,26% entre as de 18 a 19 anos. Na classe de renda mais de 1 a 2 SM as proporções de mães-adolescentes são superiores àquelas das adolescentes sem filhos, mas a diferença entre ambas não é tão grande quanto na classe anterior: 31,11% contra 23,68% (15-17 anos) e 29,93% contra 20,81% (18-19 anos). Na

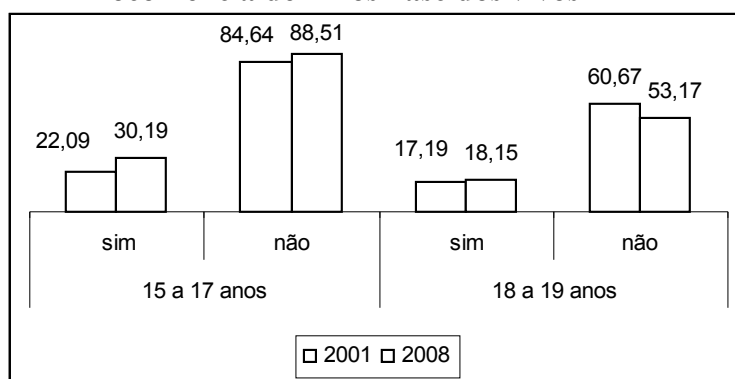
classe de renda mais de 2 a 5 SM as proporções de adolescentes sem filhos são superiores àquelas das mães-adolescentes: 45,71% contra 34,10% (15-17 anos) e 46,44% contra 35,34% (18-19 anos). Na classe de renda mais de 5 a 10 SM as proporções de adolescentes sem filhos são superiores àquelas das mães-adolescentes: 18,36% contra 8,23% (15-17 anos) e 23,74% contra 9,81% (18-19 anos).

2.1.Freqüência à escola

A seguir, seguem os dados sobre a freqüência à escola das mães-adolescentes e a comparação com os dados sobre as adolescentes sem filhos. Um dos indicadores mais utilizados nos estudos sobre maternidade na adolescência é a freqüência das mães-adolescentes à escola, haja vista que a maternidade nesta faixa etária é percebida como causa de desistência de uma educação formal.

Gráfico 7

Evolução das proporções das adolescentes que freqüentavam escola por ocorrência de filhos nascidos vivos



Fonte: PNAD

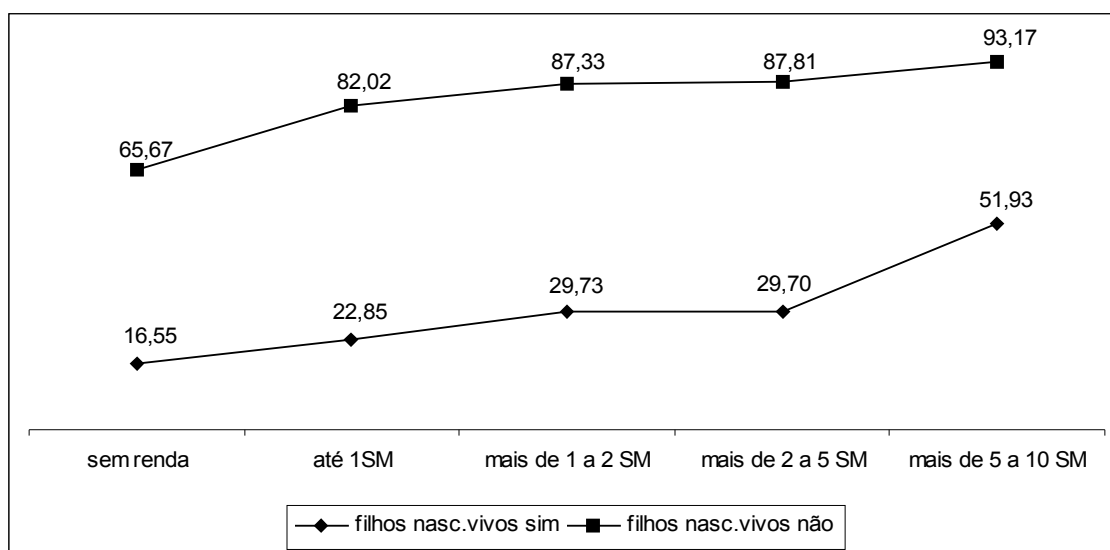
A freqüência à escola das adolescentes entre 15 e 17 anos de 2001 para 2008 aumentou significativamente para as mães-adolescentes, de 22% para 30% (8 pontos percentuais) e em 4 pontos percentuais para aquelas sem filhos. Mesmo com esse crescimento, enquanto quase 90% dessas últimas estavam freqüentando escola em 2008, apenas 30% das mães-adolescentes o estavam.

Entre as adolescentes de 18 a 19 anos que haviam tido filho, houve um ligeiro aumento, de um ponto percentual de 2001 para 2008, mas ainda assim, menos de 20%

estavam freqüentando escola. Entre as adolescentes que não haviam tido filho, houve uma queda de 7 pontos percentuais de 2001 para 2008 entre as que estavam freqüentando escola. Em 2008, um pouco mais da metade (53%) das que não haviam tido filho estavam freqüentando escola.

A seguir, a análise é da freqüência à escola, de acordo com a classe de renda dos domicílios das adolescentes. Assume-se como pressuposto que a (não) freqüência à escola pode estar associada não só à maternidade, mas também à renda.

Gráfico 8
Distribuição das adolescentes brasileiras de 15 a 17 anos que freqüentavam escola por ocorrência de filho e por classe de renda

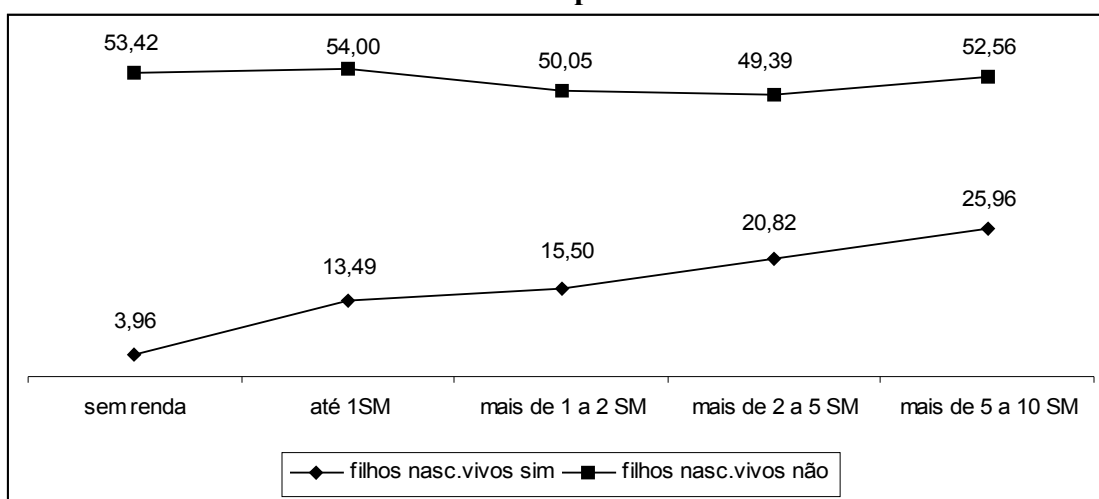


Fonte: PNAD 2008

As proporções de mães-adolescentes de 15 a 17 anos freqüentando escola em 2008 eram significativamente inferiores em todas as classes de renda àquelas das adolescentes sem filhos. Mesmo nas classes de renda mais baixas, mais de 80% das adolescentes sem filhos estavam freqüentando escola, chegando a mais de 90% nas classes de renda mais alta. No que diz respeito às mães-adolescentes quando distribuídas por classe de renda, menos de 30% freqüentavam escola nas classes de renda mais baixas e cerca da metade das mães-adolescentes das classes de renda mais altas estavam freqüentando escola. Tanto as mães adolescentes como as adolescentes sem filhos que viviam em domicílios ‘sem renda’ apresentaram as proporções mais baixas de freqüência à escola.

Estes números indicam haver uma relação entre maternidade e não-freqüência à escola. Embora haja uma diferença significativa entre a freqüência à escola das mães-adolescentes da classe de renda até 1 SM e da classe de renda mais de 5 a 10 SM, que chega a quase 30 pontos percentuais. Pode-se, então, inferir que a não-freqüência à escola por parte das mães-adolescentes de 15 a 17 anos de idade pode ser causada tanto pela maternidade quanto pela classe de rendimento do domicílio onde vivem.

Gráfico 9
Distribuição das adolescentes brasileiras de 18 a 19 anos que freqüentavam escola por ocorrência de filho e por classe de renda



Fonte: PNAD 2008

A proporção de mães-adolescentes de 18 a 19 anos freqüentando escola era bastante inferior à proporção daquelas sem filhos. Menos de 20% das mães-adolescentes das classes de renda inferiores a mais de 2 a 5 salários mínimos estavam freqüentando escola. Nesta classe de renda a proporção era de aproximadamente 21% e variou de 26% a 40% nas classes de renda superiores a esta. Nesta faixa etária, diferentemente da faixa de 15 a 17 anos, a freqüência à escola das mães-adolescentes e das adolescentes sem filhos não apresentam diferenças tão altas entre si (entre 50 e 60 pontos percentuais). Na faixa etária dos 18 aos 19 anos, essa diferença varia de 30 a 40 pontos percentuais.

Há uma relação entre maternidade na adolescência e não-frequência à escola. No entanto, não é possível saber se o abandono da escola se deu antes ou depois do nascimento dos filhos.

2.2. Anos de estudo

Acima foram apresentados números referentes à frequência à escola das mães-adolescentes. Nesta seção, é feita a relação de anos de estudo e faixa etária.

Tabela 3

Distribuição das adolescentes de 15 a 17 anos p/ ocorrência de filho nascido vivo e p/ anos de estudo Brasil 2008							
	nenhum	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14	s/decl.	total
sim	3,31	7,82	50,96	35,24	1,86	0,82	100,00
não	1,62	2,51	30,19	62,75	2,65	0,28	100,00

Fonte: PNAD 2008

A faixa de anos de estudo esperada para as adolescentes entre 15 e 17 anos seria a de 8 a 10 (ensino fundamental completo e ensino médio completo). É nesta faixa que se concentram as adolescentes sem filhos. Já as mães-adolescentes concentram-se na faixa de 4 a 7 anos (ensino fundamental incompleto).

Tabela 4

Fonte: PNAD 2008

Distribuição das adolescentes de 18 a 19 anos p/ ocorrência de filho nascido vivo e p/ anos de estudo Brasil 2008							
	nenhum	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14	s/decl.	total
sim	2,07	3,81	37,10	39,10	17,49	0,43	100,00
não	1,37	0,96	10,15	37,21	50,10	0,20	100,00

A faixa de anos de estudo esperada para as adolescentes entre 18 e 19 anos seria a de 11 a 14 (ensino médio completo e ensino superior incompleto). Enquanto as adolescentes sem filhos concentram-se nesta faixa, as mães-adolescentes distribuem-se principalmente nas faixas de 4 a 7, ensino fundamental incompleto (37,10%) e de 8 a 10, ensino fundamental completo e ensino médio incompleto (39,10%).

Os dados apresentados nas tabelas acima indicam que as mães-adolescentes que abandonaram a escola, se não tiverem a chance de retomar a educação formal, terão como nível escolar ensino fundamental incompleto. Com isto, elas podem se colocar no mercado

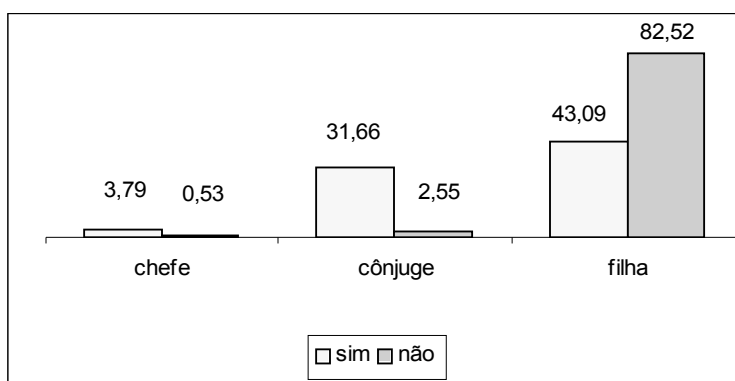
de trabalho como domésticas ou em serviços de limpeza em empresas ou outros de baixa qualificação/remuneração.

2.3. Condição no domicílio

Algumas mães-adolescentes podem constituir uma família vivendo sob domicílios chefiados por outros adultos (pai, mãe ou outro parente). Por este motivo, vou levantar a condição das adolescentes nos domicílios onde residiam.

Gráfico 10

Condição no domicílio das adolescentes brasileiras de 15-17 anos por ocorrência de filhos nascidos vivos

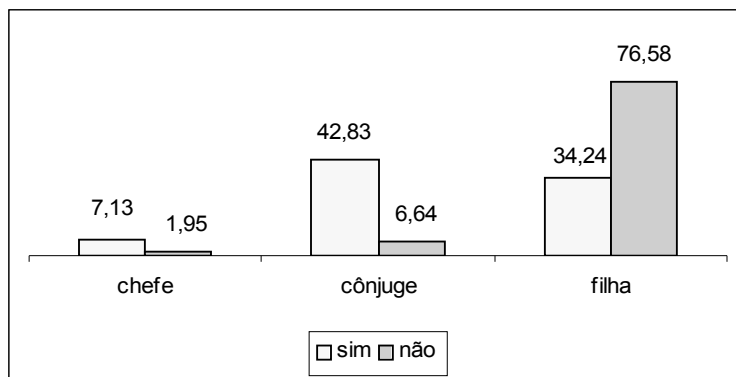


Fonte: PNAD 2008

Entre as adolescentes de 15 a 17 anos as maiores proporções, tanto as que tiveram filhos com as outras, têm a condição de filha no domicílio onde vivem. No entanto, enquanto 82,52% das adolescentes sem filhos estão nesta condição, menos da metade das mães-adolescentes o estão. Mais de 31% delas estão na condição de cônjuge e quase 4% são chefes de domicílio.

Gráfico 11

Condição no domicílio das adolescentes brasileiras de 18-19 anos por ocorrência de filhos nascidos vivos



Fonte: PNAD 2008

A maior parte (42,83%) das mães-adolescentes está na condição de cônjuge; 34,24% estão na condição de filha e 7,13% no de chefe de domicílio. A maior parte (76,58%) das adolescentes sem filhos está na condição de filha. Argumenta-se que um dos problemas da maternidade na adolescência é que esses filhos nascem de relações entre pessoas não-casadas.

Ser mãe-solteira, porém, implica em diferentes graus de vulnerabilidade, dependendo da condição ocupada na família. Aquelas que vivem com o pai e/ou mãe, provavelmente têm apoio financeiro e emocional, além da colaboração nos cuidados com os filhos. Aquelas que estão na posição cônjuges têm o apoio financeiro e afetivo e talvez colaboração nos cuidados com os filhos. Já as que estão na posição de chefe, são as mais vulneráveis, pois contam provavelmente somente com os próprios proventos.

A maior ou menor vulnerabilidade das mães-adolescentes é dada principalmente pela renda domiciliar. A seguir, é analisada a condição no domicílio por classe de renda para verificar se a classe de renda tem alguma influência na condição ocupada no domicílio, agravando a vulnerabilidade das mães-adolescentes.

Tabela 5

Condição do domicílio das adolescentes brasileiras de 15 a 17 anos por ocorrência de filho e por classe de renda

filhos (ocorrência)	Chefe		cônjuge		filha	
	sim	Não	sim	não	sim	não
sem renda	5,26	7,70	89,54	14,06	5,20	78,23
até 1SM	8,11	2,18	57,61	8,21	34,28	89,61
mais de 1 a 2 SM	3,38	0,81	50,86	5,01	45,76	94,18
mais de 2 a 5 SM	5,06	0,38	18,64	2,09	76,31	97,53
mais de 5 a 10 SM	0,00	0,06	19,61	0,21	80,39	99,73
Fonte PNAD 2008						

Tabela 6

Condição do domicílio das adolescentes brasileiras de 18 a 19 anos por ocorrência de filho e por classe de renda

filhos (ocorrência)	Chefe		cônjuge		filha	
	sim	Não	sim	não	sim	não
sem renda	14,73	18,63	69,21	38,92	16,05	42,44
até 1SM	15,57	7,18	66,98	18,53	17,45	74,29
mais de 1 a 2 SM	8,32	3,68	58,57	13,07	33,12	83,24
mais de 2 a 5 SM	5,10	1,80	37,96	7,97	56,94	90,22
mais de 5 a 10 SM	1,54	0,94	24,97	2,46	73,49	96,60
Fonte PNAD 2008						

Ao observar a distribuição das mães-adolescentes de acordo com sua condição no domicílio, vê-se que nas classes de renda mais baixas (e sem renda) são maiores as proporções de cônjuge. Nas classes de rendas mais altas, são maiores as proporções de filhas. A proporção maior de mães-adolescentes chefes de domicílio está na classe ‘até 1 SM’. As adolescentes sem filhos têm as maiores proporções na condição de filha em todas as classes de renda. Resumindo, quanto mais pobre a mãe-adolescente, mais vulnerável ela está. Situação dada pela renda e agravada pela condição ocupada no domicílio.

2.4. A condição de ocupação

Na PNAD, as condições de ocupação consideradas são:

- (a) Ocupada, pessoa que, no período de referência, tinha trabalhado durante todo ou parte do período, incluindo-se as pessoas que exerceram trabalho remunerado,

trabalho não-remunerado, trabalho na produção para o próprio consumo ou trabalho na construção para o próprio uso.

(b) Não ocupada, pessoa sem trabalho que, no período de referência, tomou alguma providência efetiva de procura de trabalho.

(c) Não economicamente ativa, pessoa que não trabalhou nem procurou trabalho.

Tabela 7

Condição de ocupação das adolescentes brasileiras no ano de referência por ocorrência de filhos nascidos vivos 2001-2008								
f.etária	15 a 17 anos				18 a 19 anos			
filhos(ocor.)	sim		não		sim		não	
cond.ocup.	2001	2008	2001	2008	2001	2008	2001	2008
ocupada	34,42	28,90	29,93	27,32	45,05	45,28	51,68	56,08
não-ocupada	10,45	9,71	8,25	8,84	12,89	11,46	12,94	13,20
não-ativa	55,13	61,39	61,81	63,83	42,06	43,26	35,38	30,73

Fonte: PNAD 2008

Em 2008, os índices de não economicamente ativas superavam os 60% tanto para as mães-adolescentes quanto para as adolescentes sem filhos de 15-17 anos; a proporção de ocupadas também é semelhante: um pouco abaixo de 30%. As proporções de não-ativas, de 2001 para 2008 cresceram, principalmente para as mães-adolescentes.

Em 2008, a proporção de não ativas era maior para as mães-adolescentes do que para as adolescentes sem filhos de 18-19 anos. As maiores proporções de ambos os grupos estavam na condição de ocupadas, mas a proporção de adolescentes sem filhos nesta condição era superior a 50% e a de mães-adolescentes era de aproximadamente 45%. Entre as mães-adolescentes, de 2001 para 2008, aumentou ligeiramente a proporção de não economicamente ativas e, entre as adolescentes sem filhos, diminuiu em quase 5 pontos percentuais a proporção delas nesta posição.

Considerando esses dados acima, pode-se afirmar que as funções reprodutivas assumidas pelas mães-adolescentes as conduzem a não frequentar mais escola e a não integrar a força de trabalho, o que as transformam em um grupo populacional com considerável grau de vulnerabilidade. Mas a não participação na escola e na força de trabalho relaciona-se com a maternidade ou também com a classe de renda? Para verificar

isto, as mães-adolescentes foram distribuídas por classe de renda e por condição de ocupação.

Tabela 8

Condição de ocupação das adolescentes brasileiras de 15 a 17 anos no ano de referência por ocorrência de filhos nascidos vivos e por classe de rendimento mensal domiciliar 2008						
filhos	Sim			não		
cond.ocup.	ocupada	não-ocupada	não-ativa	ocupada	não-ocupada	não-ativa
até 1SM	17,48	8,64	73,88	43,90	19,44	36,66
mais de 1 a 2 SM	30,14	9,74	60,12	49,73	16,60	33,67
mais de 2 a 5 SM	36,98	8,86	54,17	59,12	13,80	27,08
mais de 5 a 10 SM	26,37	7,49	66,15	65,18	9,59	25,22
Fonte PNAD 2008						

A condição de ocupação por classe de rendimento mensal domiciliar das adolescentes de 15-17 anos foi analisada. Há uma maior proporção de adolescentes sem filhos ocupados do que mães-adolescentes ocupadas em todas as classes de renda. O mesmo acontece para as não ocupadas. Ao contrário, na condição de não ativas, a proporção é maior entre as mães-adolescentes. No entanto, há diferenças significativas por classe de rendimento mensal domiciliar entre as mães-adolescentes. A proporção de não-ativas diminui à medida que aumenta a renda. A proporção de ocupadas aumenta à medida que aumenta a classe de renda dos domicílios onde vivem. A proporção de não-ocupadas não sofreu variações significativas.

Tabela 9

Condição de ocupação das adolescentes brasileiras de 18 a 19 anos no ano de referência por ocorrência de filhos nascidos vivos e por classe de rendimento mensal domiciliar 2008						
Filhos	Sim			não		
cond.ocup.	ocupada	não-ocupada	não-ativa	ocupada	não-ocupada	não-ativa
até 1SM	39,52	13,65	46,82	43,90	19,44	36,66
mais de 1 a 2 SM	40,05	12,38	47,56	49,73	16,60	33,67
mais de 2 a 5 SM	49,40	10,21	40,39	59,12	13,80	27,08
mais de 5 a 10 SM	55,07	10,90	34,03	65,18	9,59	25,22
Fonte PNAD 2008						

A condição de ocupação por classe de rendimento mensal domiciliar das adolescentes de 18-19 anos foi analisada. Há uma maior proporção de adolescentes sem filhos ocupados do que mães-adolescentes ocupadas em todas as classes de renda. O mesmo acontece para as não ocupadas. Ao contrário, na condição de não ativas, o índice é maior entre as mães-adolescentes. No entanto, entre as mães-adolescentes há diferenças significativas de acordo com a classe de renda do domicílio onde vivem. A proporção de ocupadas aumenta à medida que aumenta a renda. Nesta faixa etária (18-19 anos) as taxas de ocupação são superiores do que a faixa de 15-17 anos em todas as classes de renda.

Pelos dados acima, pode-se afirmar que abandono da escola e não participação na força de trabalho no que diz respeito às mães-adolescentes brasileiras, é uma consequência não só da maternidade e dos compromissos decorrentes que elas têm que assumir mas também da classe de renda do domicílio onde vivem.

3. Considerações finais

Ter filhos entre 15 e 17 anos, o que representaria de fato maternidade precoce é realidade para um pouco mais de 6% das adolescentes brasileiras nesta faixa etária. Em 2008, as mães-adolescentes entre 15 e 17 anos vivendo em domicílios cujos rendimentos mensais não ultrapassavam 2 SM eram 173.293 (3,47% de todas as adolescentes nesta faixa etária). Estas seriam potenciais beneficiárias de programas de transferência de renda.

As mães-adolescentes tendem a desistir da educação formal, seja porque as escolas não oferecem condições para que as frequentem, porque os cuidados com o filho não lhes deixam tempo para desempenhar outras tarefas, seja ainda por falta de perspectiva de uma colocação decente futura no mercado de trabalho. O que deve ser evitado é uma relação causal simplista entre maternidade e desistência da educação formal.

Confirmando a hipótese inicial deste estudo, há uma forte concentração de mães-adolescentes nos domicílios com rendimentos mensais mais baixos, o que compromete o bem-estar tanto delas quanto dos seus filhos, conduzindo à transmissão intergeracional da pobreza.

Bibliografia

Bailey, Patrícia et al. Adolescent pregnancy 1 year later: the effects of abortion vs. motherhood in Northeast Brazil. *Journal of Adolescent Health*, n. 29, p. 223-232, 2001.

Chevalier, Arnaud; Viitanen, Tarja K. (2003). The long-run labour market consequences of teenage motherhood in Britain. *Journal of Population Economics*, v.16, p.323-343

Conferência internacional sobre população e desenvolvimento. 15, Cairo, 1994. Programa de Ação.

Faria, Denise G. S.; Zanetta, Dirce M.T. (2008). Perfil de mães adolescentes de São José do Rio Preto/Brasil e cuidados na assistência pré-natal. *Arquivos de Ciências da Saúde*, v. 15, n.1, p. 17-23

Heilborn, Maria Luiza et al. (2002). Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, v.8, n. 17, p.13-45

Hofferth, Sandra L.; Moore, Kristin A. (1979). Early childbearing and later economic well-being. *American Sociological Review*, v.44, n.5, p. 784-815

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2001 e 2008.

Moore, Kristin A; Waite, Linda J. (1977). Early childbearing and educational attainment. *Family Planning Perspectives*, v.9, n.5, p. 220-225

Novellino, Maria Salet Ferreira (2008). Desigualdade racial e de classe entre as mulheres chefes de domicílio e a reprodução da desigualdade entre crianças e adolescentes. Trabalho apresentado no 32º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

Novellino, Maria Salet Ferreira (2009). As desigualdades entre as mães-adolescentes brasileiras. Trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

Novellino, Maria Salet Ferreira (2009). A maternidade na adolescência no contexto da feminização e da transmissão intergeracional da pobreza. Trabalho apresentado no Congresso de 2009 da Latin American Studies Association.

SEMINÁRIO Gravidez na Adolescência (1998). São Paulo: Associação Saúde da Família.

Singh, Susheela. Adolescent childbearing in developing countries: a global review. *Studies in Family Planning*, v.29, n.2, p. 117-136, June 1998

Souza, Marcelo Medeiros Coelho de (1998). A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social. XI Encontro da ABEP.

Wilson, Helen; Huntington, Annette (2005). Deviant (m)others: the construction of teenage motherhood in contemporary discourse. *Journal of Social Policy*, v.35, n.1, p. 59-76